

---

**Goethe e as afinidades eletivas: a obra, a crítica benjaminiana e o diálogo brasileiro com a temática goetheana**

**Goethe and the elective affinities: the work, the benjaminian criticism, and the brazilian dialogue with the goethean theme**

Delson Ferreira<sup>1\*</sup>

---

**RESUMO**

O objetivo desse breve estudo constitui-se por apresentar, após a leitura da obra *As Afinidades Eletivas*, de Goethe, a descrição da crítica de Walter Benjamin e de dois trabalhos brasileiros que dialogam com a crítica benjaminiana. Assim, no seu decorrer, são apresentados tanto o contexto e a estrutura dessa obra, quanto os diálogos das duas autoras escolhidas com o ensaísta e filósofo alemão. Suas considerações finais apontam na direção da necessidade de observação, leitura e compreensão atualizada dos conteúdos sociológicos, antropológicos e existenciais das nossas relações afetivas atuais, concluindo-se pelo estímulo e pela demanda a novas inquietações de pesquisa que busquem atender às realidades prementes e cruciais dos indivíduos e da sociedade do século XXI.

**Palavras-chave:** Literatura Alemã, História e Crítica Social; Estudos Literários; Goethe; Walter Benjamin.

---

**ABSTRACT**

The objective of this brief study is constituted by presenting, after the reading of the work *Effective Affinity*, by Goethe, the critical description of Walter Benjamin and of two Brazilian works that dialogue with the benjaminian criticism. Thus, in its course, both the context and the structure of this work are presented, in regard to the dialogues of the two chosen authors with the German essayist and philosopher. Their final considerations point to the direction of the necessity of observation, reading, and comprehension updated in the sociological, anthropological, and existential subjects of our current affective relations, concluding by stimuli and demand to new research concerns that seek to attend to the pressing and crucial realities of the individuals and the XXI century society.

**Keywords:** German Literature; Social History and Criticism; Literary Studies; Goethe; Walter Benjamin.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal Goiano / Universidade Federal de Goiás.

\*E-mail: [delsonferreira@gmail.com](mailto:delsonferreira@gmail.com)

O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida (BENJAMIN, 1994, p. 221). Pois se o mundo moral mostra-se em alguma parte iluminado pelo espírito da língua, isso acontece na decisão. Nenhuma decisão moral pode ganhar vida sem uma forma linguística e, a rigor, sem ter se tornado um objeto de comunicação (BENJAMIN, 2009, p. 84).

## A OBRA AS AFINIDADES ELETIVAS<sup>2</sup>: SEU CONTEXTO E ESTRUTURA

Esse livro de Goethe, definido pelos estudiosos da literatura universal como integrante do romantismo e do classicismo de Weimar, publicado em 1809, é prodigioso na demonstração, talvez por influência da escrita quase simultânea da obra *Teoria das Cores*, de 1810, de colorações humanas diversas e meios-tons relacionais na sua forma textual. A obra foi escrita por Goethe, do ponto de vista da sua estrutura formal, por meio de uma distribuição peculiar das suas personagens nucleares aos pares. Esses pares não constituem casais formais no sentido matrimonial comum que o termo indica, como se depreende da leitura de estudo da obra, mas sim são estabelecidos, ligados, por atrações fortes e inevitáveis inspiradas nos processos químicos definidos à época pelos métodos em voga dessa ciência natural.

O intenso embate relacional de polaridades humanas carregadas de contradições e os encantamentos e recusas que se estabelecem entre esses pares-casais trazem à tona questões complexas do relacionamento homem e mulher que estão situadas para além do âmbito da mera complementação sexual, pois o objeto de trabalho definido por Goethe encontra-se nos recantos intrincados e subjetivos da análise moral e psicológica das relações e comportamentos interagentes entre as personagens.

O contexto histórico, social e cultural que demarcou a produção do conjunto da sua obra e, portanto, desse livro, não poderia ser menos complexo, pois o autor, situado como um dos pilares centrais da cultura germânica e indicado como o mais importante dos escritores alemães, viveu (1749-1832) de forma pessoal, intensa e contraditória o momento crítico da passagem paradigmática da transição histórica final do antigo regime feudal absolutista europeu para a modernidade burguesa capitalista.

Walter Benjamin (2009) aponta essa rica e conflituosa experiência pessoal com clareza em seu ensaio biográfico sobre Goethe, escrito entre 1926 e 1928. Vejamos duas das suas passagens mais importantes a respeito:

Quando Johann Wolfgang Goethe veio ao mundo em 28 de agosto de 1749, em Frankfurt am Main, a cidade tinha 30 mil habitantes. Berlim, a maior cidade do Império alemão, contava então com 126 mil habitantes, enquanto na mesma época Paris e Londres já passavam de 500 mil. Estas cifras caracterizam a situação política da Alemanha de

---

<sup>2</sup> Sobre os conteúdos históricos e conceituais subjacentes à expressão *Afinidades Eletivas*, ler Frederico (2015). <https://www.scielo.br/j/ea/a/wq4B8c6rkHYVZMtZ4TjjzLc/?lang=pt>

então, pois em toda a Europa a revolução burguesa dependia das grandes cidades. (2009, p. 123)

A visão desse autor é essencial para que se compreenda o alcance da cisão política interior da obra goetheana, pois, para ele,

se Goethe rejeitava a Revolução Francesa, isto se deu, na verdade, não só no sentido feudal – partindo da ideia patriarcal de que toda cultura, incluindo a burguesa, somente poderia florescer sob a proteção e à sombra do poder absoluto –, mas também sob o ponto de vista da pequena-burguesia, ou seja, do indivíduo que, amedrontado, procura proteger sua existência dos abalos políticos que a cercam. Mas, nem no espírito do feudalismo, nem no da pequena burguesia, essa rejeição se apresentava de maneira absoluta e unívoca. (2009, p. 143)

No que se refere às *Afinidades Eletivas*, Benjamin, ainda no seu ensaio biográfico, define a conjuntura do quadro social que embasou e justificou o foco da produção desse livro. Em sua concepção, quando (“paralelamente”) Goethe escrevia a sua autobiografia, *Poesia e Verdade*, surgiu a obra em destaque:

Enquanto escrevia este romance, Goethe alcançou pela primeira vez uma compreensão adequada da aristocracia europeia, uma experiência a partir da qual se forma para ele a visão daquele público novo e seguro de sua condição mundana, público para o qual já havia se decidido, vinte anos antes, em Roma, a escrever com exclusividade. *As afinidades eletivas* foram dedicadas a esse público, à aristocracia silésio-polonesa, a lordes, emigrantes, generais prussianos, que se reuniam nas termas da Boêmia em torno, sobretudo, da imperatriz da Áustria. Isso não impediu que o poeta lançasse uma luz crítica sobre as condições de vida dessas pessoas. Pois *As afinidades eletivas* desenham uma imagem tênue, mas muito aguda da decadência da família no interior da classe que era então a dominante. Mas o poder ao qual sucumbe essa instituição em seu processo de decomposição não é a burguesia, mas sim a sociedade feudal, restaurada em seu estado primitivo sob a forma de forças mágicas do destino. (2009, p. 165)

A partir desses elementos introdutórios, que constituem o contexto amplo que envolve os sentidos intertextuais passíveis de serem atribuídos a essa obra, torna-se possível adentrar em sua tessitura constitutiva. O apoio para esse procedimento metodológico de estudo é dado por Ieda Maria Caricari (2006), que busca definir como se dão as relações entre as personagens no interior do que ela denomina como um “experimento”, no sentido químico da palavra, levado a cabo nesse “romance laboratorial”. Assim, nada mais apropriado do que o título com o qual ela inicia a sua explicação: “Os mecanismos das reações”.

Essa autora evidencia que a definição do conceito químico *afinidade eletiva* é dada por Goethe para o leitor no capítulo quatro da primeira parte do livro e na citação na qual o Capitão explica o termo devidamente para Charlotte (p. 85):

Àquelas naturezas que, ao se encontrarem, se ligam de imediato, determinando-se mutuamente, chamamos ‘afins’. Nos álcalis e ácidos essa afinidade é bastante evidente; embora sejam opostos e talvez justamente por isso, procuram-se e se agregam da maneira mais decidida, modificando-se e formando juntos um novo corpo. Pensemos somente na cal, que manifesta uma grande atração por todos os ácidos, um impulso imperativo para a união! Logo que chegar o nosso laboratório de química, iremos deixá-la ver diversas experiências que, além de muito divertidas, darão uma noção mais clara do que palavras, nomes e termos técnicos. (GOETHE, 1998, p. 51)

Caricari percebe com pertinência o contexto social que impacta a obra ao defender que “a relação que Charlotte faz entre a química e a realidade condiz com a época em que se passa o texto”. Por isso, ela define que “essas personagens estão em meio a uma guerra e a significativas mudanças sociais”, isto é,

essas ‘massas se enfrentando no mundo’ estão em constante movimento, ora se atraem, ora se repelem, assemelhando-se, portanto, à química, como afirma Eduard. Tais massas sociais parecem mais se separar do que se unir, impulsionadas por seus ideais. (2006, p.86)

A analista estabelece uma relação precisa quanto ao foco “laboratorial” dado por Goethe ao romance por entender que basta que se observe “a ação dos elementos [químicos] humanos” (p. 87) para que sejamos defrontados com os idênticos movimentos realizados “pelos elementos químicos dentro de um tubo de ensaio”. Dessa forma, ela define:

basta a chegada do elemento D [Otilie], para que as relações comecem a ebulir. E assim os elementos humanos, respondendo às suas necessidades, unem-se e separam-se. Os pares trocam-se entre si, e agora, diferente da química as consequências são drásticas. (2006, p.87)

Esse é o motivo pelo qual, segundo Caricari (p. 67), ao referir-se aos elementos humanos, o que se encontra não são ligações apenas e tão somente “naturais, que simplesmente atraem-se e repelem-se em resposta aos reagentes”.

Para ela, revelando visão consistente sobre a problemática de natureza existencial e sociológica que o texto suscita, as personagens

Charlotte, Eduard, Capitão e Otilie estão submetidos a leis, religiões, convenções, sentimentos, desejos, a sua própria consciência, e, é claro, a sua história e a sociedade em que estão inseridos. Logo, um elemento não se liga e desliga de outro apenas em resposta a um reagente, mas sim, porque esse elemento está condicionado às suas vivências em um contexto histórico e social, que o leva a determinadas reações. (2006, p. 68)

O trabalho realizado por Caricari teve como preocupação principal descrever e analisar os perfis psicológicos e comportamentais das quatro personagens centrais do

livro no emaranhado das suas relações como elementos humanos interagentes no jogo complexo das suas *afinidades eletivas*, além de expor e explicar a figura de uma personagem “reagente” também fundamental para o desenrolar da trama do romance, Mittler. Esse o motivo de sua inserção na introdução desse estudo.

## A INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DE BENJAMIN

A percepção crítica que esse autor construiu sobre *As afinidades eletivas* é estabelecida logo ao início do seu ensaio, pois ele define previamente para o seu leitor que ela “poderia aparecer como comentário; todavia, foi concebida como crítica”. E a sua conclusão introdutória é precisa, pois a seu ver “a crítica busca o teor de verdade de uma obra de arte; o comentário, o seu teor factual” (2009, p. 11-12).

Ao distinguir “crítica” de “comentário” com precisão, Benjamin explicita o que considera metodologicamente relevante para posicionar-se da forma que considera adequada para abordar e interpretar a obra goetheana. Para ele,

a relação entre ambos determina aquela lei fundamental da escrita literária segundo a qual, quanto mais significativo for o teor de verdade de uma obra, de maneira tanto mais inaparente e íntima estará ele ligado ao seu teor factual. Se, em consequência disso, as obras que se revelam duradouras são justamente aquelas cuja verdade está profundamente incrustada em seu teor factual, então os dados do real na obra apresentam-se, no transcurso dessa duração, tanto mais nítidos aos olhos do observador quanto mais se vão extinguindo no mundo. (2009, p.12-13)

Desse modo, o ensaísta nega de modo enfático a possibilidade de que a obra goetheana venha a revelar-se ao seu observador “como a de um Píndaro”. E seu argumento filosófico de força sustenta, nesse sentido, que:

jamais houve um tempo que, como o de Goethe, tenha estranhado tanto a ideia de que os conteúdos mais essenciais da existência pudessem se configurar no mundo das coisas e que, sem uma tal configuração, sequer poderiam realizar-se. (2009, p. 14)

Ao adentrar no cerne da obra sob sua análise, Benjamin ataca de forma frontal a ideia, ou possibilidade de que o objeto das *Afinidades Eletivas* seja definido pelo casamento. Segundo ele, “em nenhum lugar do romance as instâncias éticas do casamento poderiam ser encontradas”, pois “desde o início elas estão em processo de desaparecimento”. Assim, nesse livro, o casamento não seria “um problema ético e tampouco social” e, também, não constituiria apenas “uma forma de vida burguesa” (2009, p. 21-22).

Em sua percepção, as personagens vivem o tempo inteiro “sob o encantamento das afinidades eletivas” e

seus estranhos movimentos não fundamentam, de acordo com a visão profunda e cheia de pressentimentos de Goethe, uma harmonia intimamente espiritual dos seres, mas sim tão somente a harmonia especial das camadas naturais mais profundas. (2009, p. 26)

Assim, ele compreende que o aspecto mítico é o que compõe o “teor factual” do livro e, por esse motivo, “Goethe fez do mítico o fundamento de seu romance”, de forma que o “seu conteúdo aparece como um jogo mítico de sombras com a roupagem da época” (p. 35). Desse modo, ele afirma não ser possível compreender a obra a partir do discurso (“próprias palavras”) do seu autor, pois essa tarefa seria de todo inútil, uma vez que “elas estão destinadas a impedir à crítica o acesso” (p. 42).

A compreensão benjaminiana sobre o gênero literário sob o qual é possível qualificar *As Afinidades Eletivas* é relevante para que seja possível compreender a visão que fundamenta a sua abordagem crítica. Para ele, Goethe a planejou

inicialmente como novela na esfera do romance *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*; a sua expansão, contudo, forçou-a para fora desse círculo. Mas os traços da ideia primordial de forma conservaram-se apesar de tudo aquilo que fez a obra tornar-se um romance. Somente a plena maestria de Goethe, que aqui se mostra num apogeu, soube impedir que a tendência inerente à novela destruísse a forma romanesca. Ao enobrecer, por assim dizer, a forma do romance mediante a da novela, a cisão parece ter sido dominada à força, e a unidade, alcançada. O artifício sobrepujante que tornou isso possível, e que se impôs de modo igualmente imperioso por parte do conteúdo, consiste no fato de que o poeta se abstém de convocar para o centro dos próprios acontecimentos a participação do leitor. (2009, p. 73)

Para que se conclua a interpretação de Benjamin, ele refere-se ao que denomina de “estilo artístico” que é implícito à obra. Em sua visão, esse estilo é definido pelo fato de que “a presença do narrador” pode ser sentida “por toda parte” do livro. Ele diz que o autor

faz com que os acontecimentos e os homens existam por conta própria, de modo que eles, como num palco, só pareçam ter uma existência imediata; em vez disso, são na verdade muito mais uma “narrativa” sustentada pelo narrador palpável que está por trás de tudo [...] os romances de Goethe desenrolam-se no âmbito das categorias do “narrador”. (2009, p. 74)

O ensaio *As Afinidades Eletivas de Goethe* é dirigido especialmente às visões desenvolvidas por diversos dos seus comentadores, tanto do conjunto da obra quanto desse livro em específico. Benjamin construiu seus argumentos com o objetivo principal de evidenciar e explicitar o seu conteúdo de “verdade” a partir das contradições e

equivocos que ele aponta nos textos desses analistas. Sua preocupação expressa foi a de contradizer as concepções contidas nos comentários que ele via como prisioneiros do “teor factual” da obra e evitados de preconceitos morais os mais diversos.

O alcance e a amplitude da crítica benjaminiana revelam um olhar posicionado filosoficamente para além das teias, formalidades, normas e prisões relacionais que cercavam e cercam as relações afetivas entre os indivíduos na história social das mentalidades humanas. Assim, faz-se importante que ele mesmo conclua a sua percepção interpretativa com as três passagens seguintes:

Já que em nenhum dos casais o poeta pôde fazer vigorar o verdadeiro amor, que deveria ter explodido esse mundo das aparências, nas figuras da novela ele conferiu à sua obra, de um modo discreto, mas inconfundível, o emblema do verdadeiro amor.

“Afinidade” já é em si e por si a palavra mais pura que se pode conceber para designar, com base tanto em seu valor quanto em seus motivos, o vínculo humano mais íntimo.

Ao seu fundamento épico no mítico, à sua amplitude lírica na paixão e na afeição, vem juntar-se sua coroação dramática no mistério da esperança (2009, p.102; 103; 121).

## UM DIÁLOGO BRASILEIRO COM BENJAMIN A VISÃO REFLEXIVA

Para estabelecer o diálogo proposto com Benjamin, foram escolhidos dois trabalhos: *A beleza como arma*, de autoria de Imaculada Kangussu (200-), e *Ininteligibilidade e hermenêutica n’as Afinidades Eletivas, de Goethe*, assinado por Wilma Patrícia M. D. Maas (2010).

O primeiro texto dialoga com Benjamin partindo das considerações principais que esse autor faz e entende, como centralidade, que o eixo da problemática filosófica da beleza, e sua dicotomia interna entre essência e aparência, constitui o *leitmotiv* (o motivo, ou fio, condutor) da abordagem do ensaio benjaminiano. Dessa forma, segundo Kangussu,

o desejo ilimitado pelo belo será o motor da desestabilização. A falta cometida é a violação da natureza e dos ritos. Duas faltas, na verdade: ofensa à natureza externa e infração de normas contratuais legais. A dupla fratura é provocada pelo incessante interesse em criar e possuir a beleza que leva os personagens a passarem por cima das tradições, dos costumes, e da ordem natural. (200-, p. 1)

Nessa linha de raciocínio, ela sustenta a ideia de que a partir desse desejo e da configuração das quatro personagens (o *quartetto*)

ver-se-á o dilaceramento do casal ocorrer simultaneamente às desfigurações a que submetem a paisagem natural em suas terras. Vai se transformando em evidência literal a crença de Goethe de que os homens não são livres, e sim escravos de poderes da natureza. [...] O próprio termo “afinidade eletiva” corrobora essa ideia. (200-, p. 1)

A autora aponta uma discordância fundamental de Benjamin com relação ao que o próprio Goethe disse sobre o seu livro, isto é, que ele “tratava do triunfo da moral sobre a paixão” (p. 4). Para ela, ao comentar sua obra, Goethe defendeu que ela

narra o triunfo da moral sobre a atração espontânea, pois os apaixonados que dão livre curso aos próprios sentimentos não sobrevivem; ao passo que Charlotte e Otto, também fortemente atraídos, mas presos às conveniências, permanecem vivos. (200-, p. 2-3)

E Benjamin, por sua vez, reflete a autora, não viu o desenlace “dos amantes como expiação do ataque feito à instituição do casamento, mas ao contrário, como a liberação de seus laços” (p. 4). Assim, o crítico veria

a morte de Ottilie e Eduard como libertação da vida na qual estavam condenados a permanecerem separados. Mortos, são enterrados lado a lado, unidos para sempre. Segundo ele, o livro é uma valoração dos poderes míticos, e a força dos amantes em seguir as próprias inclinações não permite que se fale em triunfo moral. (200-, p. 2-3)

Por esse motivo, diz Kangussu (p. 4), Benjamin compreende que a obra demonstra exatamente o contrário, isto é, “o que acontece quando a moral é derrotada”. Daí ele evidenciar dois âmbitos essenciais no que a autora denomina de “técnica criativa da obra”: o primeiro é o superficial, em que a realidade está inserida no conteúdo material, já o segundo, profundo ou latente, é onde há o teor de verdade. Para ele, nem Goethe, nem os estudiosos da época foram capazes de adentrar (ou tomar consciência) desse nível profundo do texto.

A partir desse ponto do seu texto, a autora inicia o diálogo com a visão de Benjamin sobre o eixo da problemática filosófica da beleza que foi apontado acima. E a questão colocada em pauta é se “a beleza é apenas aparência”. Na visão dela, o texto de Benjamin percebe essa questão da seguinte forma:

tudo o que é essencialmente belo se liga à aparência. [...] A verdade da beleza é o limite que escapa às nossas aproximações conceituais, às artimanhas da nossa linguagem, permanecendo, contudo, refletida, como impossibilidade de fechamento do discurso, nas tentativas de expressá-la. De acordo com o filósofo, a aparência é o véu da beleza, cuja essência exige que ela só apareça velada. [...] O desvelamento não traz a revelação, mas sim o desaparecimento do objeto. Para revelar a identidade dessa essência que exige permanecer velada precisamos

alcançar a intuição do belo como mistério. Então, o que vai se revelar não é a ideia da beleza, mas o mistério dessa ideia. (200- p. 5-6)

Imaculada Kangussu entende, na conclusão do seu diálogo escrito, que a cesura, ou o corte, da obra goetheana está na “permanência da esperança”. Por esse motivo, ela diz que Benjamin assinala

a revelação dessa fenda na frase onde Goethe diz: “A esperança passou por sobre as suas cabeças como uma estrela que cai do céu” (p.188). Contra tudo e todos, desafiando qualquer lógica, os apaixonados mantêm-se esperançosos de realizarem sua paixão. (200-, p.6)

No modo dela afirmar o seu entendimento de Benjamin, a esperança surge nessa obra da “da aparente reconciliação na outra vida e justifica a aparência de reconciliação, que precisa ser desejada” (p. 7). Por esse motivo, no final do livro, a esperança se libertaria enfim de sua “falsa aparência” (p.7). Esse o sentido da citação que ela faz a Benjamin na conclusão do seu texto:

o problema da beleza não é mais que o eco de uma trêmula interrogação por mortos que, se deverão despertar, que ressuscitem, é nossa esperança, não num mundo de beleza, mas num mundo de beatitude. (200-, p. 7)

## **UMA EXEGESE SOBRE A DISJUNÇÃO ENTRE A LETRA E O SENTIDO NA OBRA GOETHEANA**

O segundo texto, *Ininteligibilidade e hermenêutica n'as Afinidades Eletivas, de Goethe*, de autoria de Wilma Patrícia M. D. Maas (2010), propõe o que pode ser definido como uma exegese do texto literário goethiano. Como esse ato pressupõe uma explicação, ou interpretação rigorosa dos sentidos possíveis de uma produção escrita, essa autora parte de uma afirmação de Hörisch (1987) que sustenta ser esse livro “um manifesto anti-hermenêutico”. Segundo ela, esse autor

apoiar-se principalmente em dois argumentos: o primeiro trata de identificar, na obra caudalosa de Goethe, passagens em que este professaria, ainda que indiretamente, uma posição avessa ao “negócio da interpretação e da compreensão” (2010, p. 12). [...] O segundo argumento de Hörisch apoia-se no fato comprovado de que Goethe não teria permanecido alheio à obra de Schleiermacher, melhor dizendo, do primeiro Schleiermacher. [...] Nesse texto do primeiro Schleiermacher, é possível identificar as linhas de pensamento que culminarão no deslocamento da hermenêutica da letra para uma hermenêutica do espírito. (2010, p. 13)

A proposta de Maas é relevante e merece atenção crítica. Para ela, esse livro sugere a possibilidade de que se possa compreendê-lo como um “lugar da disjunção entre

a letra e o sentido, entre a letra e a intenção daqueles a ela sujeitos”. Segundo ela, estabelecendo diálogo com Benjamin,

essa disjunção pode ser reconhecida tanto no sucesso das interpretações de caráter alegórico – como aquela sugerida pelo ensaio de Walter Benjamin (1924-1925) que, contrapondo-se e às interpretações escoradas em um sentido moral, pleiteia para a narrativa uma dimensão, um intertexto ou um subtexto mítico –, quanto na ineficácia dos atos de linguagem que permeiam todo o romance. (2010, p.14)

Dessa forma, a autora desenvolve e conclui a sua defesa argumentativa afirmando que, se a obra goetheana pode ser lida e compreendida de acordo com a hipótese acima indicada, essa leitura

associa-se, deste modo, àquela ideia fundamental (*durchgreifende Idee*) que Goethe aponta como sendo a diretriz capaz de dar unidade a seu romance. Sob a égide da incomunicabilidade ou da ininteligibilidade, esse romance estranho e notável parece corresponder, de fato, ao comentário do próprio autor, que afirma ter colocado ali muita coisa, mas, também, escondido outras tantas (2010, p. 18).

O trabalho de Mass visou, dessa forma, compreender criticamente, no interior do texto goetheano, as “relações entre ininteligibilidade e hermenêutica” na exata medida em que esse autor teria explorado essa contradição “para firmar uma posição crítica em relação à atividade hermenêutica” (p. 10). A importância da contribuição desse trabalho para o debate revela-se pelo fato de ele trazer à tona um diálogo crítico entre diversas interpretações da obra de Goethe que ilumina os seus possíveis sentidos ou, no limite interpretativo, as suas ausências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da obra *As Afinidades Eletivas* é instigante e provocativo. Não há como passar ileso pela leitura da obra goetheana, muito menos por esse livro. É evidente que o contexto social, político e cultural que envolveu a produção dessa obra deve, como praxe, ser levado em conta para que se consiga compreender o alcance desse livro para o tempo histórico no qual foi produzido. Mas como seria possível, ao mesmo tempo, resistir e frear o complexo processo vivo de intertextualidade com o nosso tempo presente, que brota no pensamento a cada passo dado em sua leitura? O que é, para leitores e leitoras das sociedades do século XXI, fazer uma leitura proficiente dessa obra? Como compreender a complexidade das relações afetivas, sejam elas conjugais ou não, entre os indivíduos em um tempo de *modernidade líquida*, como definiu Bauman (2001), ou de *segregação da experiência*, como conceituou Giddens (2002)?

As contribuições apresentadas para discussão nesse breve estudo levam ao ato intertextual reflexivo de diálogo crítico com a obra e os seus comentadores<sup>3</sup>, isto é, auxiliam, a quem queira, construir um leque amplo de indagações sobre as relações e interações que estabelecemos, mantemos e vivemos neste nosso tempo. Se partirmos, por exemplo, como acima mencionado, do olhar crítico e posicionado de Benjamin para além das teias, formalidades, normas e prisões relacionais que cercam e cerceiam as relações afetivas entre os indivíduos, como observar, refletir e compreender os conteúdos sociológicos, antropológicos e existenciais das nossas relações afetivas atuais?

Assim, esse estudo conclui-se em aberto e como proposta: suas considerações finais pedem por novas inquietações e problemas de pesquisa que busquem atender a novas demandas e contradições deste século XXI que, em sua segunda década, vive as consequências da aflição pandêmica, os efeitos persistentes do isolamento social e as expectativas dos indivíduos que, por exemplo, amam, ou vivem as suas possíveis *Afinidades Eletivas*, por meio das intermediações dos algoritmos nos diversos ambientes virtuais das redes sociais. Por isso, cabe a pergunta: como são, ou serão, as vivências dos afetos, dos amores e das *afinidades* mediadas pelas inteligências artificiais?

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio Reunidos**: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Lestov, p. 197-221.

CIPRIANI, Ieda Maria Caricari. **As narrativas enquadradas na's Afinidades Eletivas de Goethe**. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.  
<https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25104>

CIPRIANI, Ieda Maria Caricari. As afinidades eletivas de Goethe: renúncia e desejo. **UNILETRAS**, 27/28, dezembro 2006, p. 67-89.

---

<sup>3</sup> Sobre os trabalhos de outros/as comentadores/as não tratados nesse estudo, veja: Cipriani (2012); Lash (2012); Kangussu (2016).

FREDERICO, Celso. “Afinidades eletivas” ou “Relações perigosas”, por Michael Löwy. **Resenhas - Estudos Avançados**, n. 29 (83), Jan-Apr. 2015.  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/wq4B8c6rkHYVZMtZ4TjjzLc/?lang=pt>  
Acesso em 12/02/2023.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOETHE, J.W. Von. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

HÖRISCH, J. Der Mittler und die Wut des Verstehens. Schleiermachers frühromantische Anti-Hermeneutik. In: BEHLER, E.; HÖRISCH J. (Hrsg.). **Die Aktualität der Frühromantik**. München: Paderborn, 1987, p. 19-32.

KANGUSSU, Imaculada. O efeito de Eros – “As afinidades eletivas”, a esperança e o homem unidimensional. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 177-186, 2016.

KANGUSSU, Imaculada. **A Beleza como arma**. [200-]  
[www.academia.edu/858096/Walter Benjamin e as afinidades eletivas](http://www.academia.edu/858096/Walter_Benjamin_e_as_afinidades_eletivas)  
Acesso em 03/09/2021.

LASH, Markus. “As suas obras o abandonam, como os pássaros o ninho em que foram chocados”: sobre arte, renúncia e morte em *As afinidades eletivas*. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, Jul. /2012, p. 109-121.  
[www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum](http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum)

MAAS, Wilma Patrícia M. D. Ininteligibilidade e hermenêutica n’as *Afinidades Eletivas*, de Goethe. **Olho D’água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 10-19, 2010.